

Água (Cabo Verde)/Resíduos (Maputo). As perspetivas de dois documentários ambientais

Water (Cape Verde)/Waste (Maputo). The perspectives of two environmental documentaries

Francisco Ferreira¹², Sara Campos¹ e João Luís Azevedo. 1. Quercus; 2. CENSE-FCT/UNL (Portugal)

Resumo

“Água por um fio” e “Dar a volta ao lixo”, realizados em Cabo Verde e em Maputo, Moçambique, respetivamente, são dois documentários filmados em 2012 e emitidos na RTP África em 2014. ‘Água por um Fio’ mostra, pela voz de especialistas, governantes e agricultores, como Cabo Verde tenta caminhar para uma gestão sustentável da água nas esferas do consumo público, agricultura e indústria. Os efeitos das alterações climáticas, associados a uma maior pressão sobre os recursos naturais devido ao aumento da procura turística, obrigam o país a novas soluções de modo a garantir a preservação deste recurso essencial para as gerações futuras. ‘Dar a volta ao lixo’ oferece o testemunho de vários intervenientes em todo o ciclo da gestão de resíduos na cidade de Maputo, Moçambique. A lixeira de Hulene, praticamente rodeada pela malha urbana, é a principal fonte de rendimento para centenas de catadores, que, num ambiente de queima a céu aberto, resgatam os resíduos com potencial de reciclagem. A solução poderá passar por reajustar a sua posição no ciclo, tornando-os intermediários dos processos de recolha seletiva.

Astract

“A trickle of water” in Cape Verde and “Turn around the trash” in Maputo, Mozambique, are two documentaries filmed in 2012 and presented in RTP Africa in 2014. Through the voice of experts, government leaders, and farmers, “A trickle of water” shows the attempts by Cape Verde to move towards a sustainable water management in public consumption, agriculture and industry. The effects of climate change associated with increased pressure on natural resources due to increased tourist demand have forced the country to new solutions to ensure the preservation of this essential resource for future generations. “Turn around the trash” offers the testimony of various stakeholders across the waste management cycle in Maputo, Mozambique. The Hulene dump is almost entirely surrounded by an urban area. It is the main source of income for hundreds of collectors who, in an open-burning environment, recover waste with recycling potential. A future solution could readjust the position of people in the waste cycle, making them intermediates of a separate waste collection process.

Palavras chave

Água, alterações climáticas, resíduos urbanos, Maputo, Cabo Verde

Key-words

Water, climate change, urban waste, Maputo, Cape Verde

Introdução

Em 2012, associado à filmagem de um conjunto de episódios em Cabo Verde e Moçambique para a rubrica “Minuto Verde”, da responsabilidade da Quercus e emitida todos os dias na RTP no programa de informação “Bom Dia Portugal”, por acordo com a televisão pública e em particular com o canal “RTP África”, a associação realizou dois curtos documentários. As temáticas selecionadas são muito próprias e pertinentes no contexto de cada um dos países: a gestão da água em Cabo Verde, já por si só difícil dada a ausência de precipitação própria do clima do país, mas também num contexto de alterações climáticas; e a gestão e resíduos urbanos numa enorme cidade com população crescente como é Maputo, a capital de Moçambique, e as expectativas de estímulo da sua recolha seletiva e encaminhamento para reciclagem.

A escassez de água é um dos maiores desafios ambientais em Cabo Verde. Do abastecimento público à agricultura, não esquecendo o saneamento, como garantir que a água não falta a quem precisa?

“Água por um Fio” mostra, pela voz de especialistas, governantes e agricultores, como Cabo Verde tenta caminhar para uma gestão sustentável da água nas esferas do consumo público, agricultura e indústria. Os efeitos das alterações cli-

máticas, associados a uma maior pressão sobre os recursos naturais devido ao aumento da procura turística, obrigam o país a novas soluções de modo a garantir a preservação deste recurso essencial para as gerações futuras.

A lixeira de Hulene em Maputo recebe mais de 700 toneladas de lixo por dia e é o sustento de centenas de pessoas. Contudo, o seu futuro poderá estar a mudar, com a recente aposta na recolha seletiva e na reciclagem.

“Dar a volta ao lixo” oferece o testemunho de vários intervenientes em todo o ciclo da gestão de resíduos na cidade de Maputo, Moçambique. A lixeira de Hulene, praticamente rodeada pela malha urbana, é a principal fonte de rendimento para centenas de catadores, que, num ambiente de queima a céu aberto, resgatam os resíduos com potencial de reciclagem. Como conciliar um eventual fecho da lixeira com a sobrevivência destas pessoas? A solução poderá passar por reajustar a sua posição no ciclo, tornando-os intermediários dos processos de recolha seletiva que já assentam raízes nesta cidade.

Produzidos pela Quercus, com apresentação de Francisco Ferreira e locução de Paula Castelar, guião de Sara Campos, animação de Isidro Jiménez, realização e edição de João Luís Azevedo, estes documentários de aproximadamente 11 minutos cada, pretenderam retratar a adapta-

ção de um país em desenvolvimento a uma situação de menor disponibilidade de água e mostrar a problemática da gestão de resíduos urbanos enquadrada numa nova filosofia de valorização de resíduos com potenciais benefícios ambientais e sociais.

A colaboração de um conjunto de entidades, pessoas individuais, organizações não governamentais foi essencial na produção dos documentários.

Em Cabo Verde, a realização do documentário só foi possível com a colaboração no local do Ministério do Desenvolvimento Rural, Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território em particular via Direcção Geral do Ambiente, Parque Natural da Serra da Malagueta, Parque Natural do Fogo; do setor de Áreas Protegidas na ilha da Boa Vista, Associação de Defesa do Ambiente e Desenvolvimento (ADAD) e Adega Chã das Caldeiras. O apoio à produção foi dado pela TAP Air Portugal e pelo Grupo Pestana.

Em Moçambique, a realização do documentário só foi possível com a colaboração no local dada pelo Ministério para a Coordenação da Ação Ambiental (MICOA), Direcção Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos e Salubridade de Maputo, Associação Moçambicana de Reciclagem (AMOR) e RECICLA. O apoio à produção foi dado pela TAP Air Portugal e pelo Grupo Visabeira.

As deslocações em causa integraram-se

num financiamento proporcionado pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Fundação Gulbenkian.

Documentário “Água por um Fio”

Francisco Ferreira introduz o tema: “Aqui o guarda-chuva serve apenas para me proteger do sol. Há locais onde só chove um dia por ano. Cabo Verde. Dez ilhas na costa ocidental de África. Um país onde a água é um bem ainda mais precioso”.

Terra de sol generoso e chuvas raras, Cabo Verde enfrenta diariamente o desafio de conjugar a escassez de água com o crescimento da população e da procura turística. Neste clima tropical seco, a precipitação média anual de 230 litros por metro quadrado levanta um problema de gestão: como garantir que a água não falta a quem precisa? (Figura 1)



Figura 1. Genérico do documentário “Água por um fio”

De acordo com dados governamentais, cerca de 90% da população cabo-verdiana é servida com água potável. Apro-

ximadamente 50% tem já água canalizada. Mas 30%, principalmente nas zonas rurais, tem de recorrer aos fontanários ou chafarizes. Há ainda população servida por auto-tanques. O problema está também na qualidade da água que é distribuída, sendo que aproximadamente metade é de origem subterrânea e a outra é já produto da dessalinização da água do mar.

Recorrer a furos ou ir buscar ao mar a água para servir a população são as alternativas encontradas para garantir o abastecimento nas várias ilhas. Contudo, além de dispendiosos, estes métodos não resolvem o problema por si só. Há também que mudar mentalidades.

Alexandre N. RODRIGUES, do Parque Natural do Fogo, menciona: “Quanto à água para consumo humano, um dos maiores desafios que temos é primeiro a sensibilização das pessoas sobre a forma mais correta de utilizar a água.” (...) “Uma outra questão que eu considero extremamente importante é a capacidade de cada fogo armazenar a sua própria água para consumo. Porque uma coisa é eu ter água armazenada e saber que tenho um limite e outra coisa é eu saber que tenho a água 24 horas por dia na rede, é só abrir a torneira e deixar escorrer pelo cano abaixo”.

Marcelino FORTES da Associação para a Defesa do Ambiente e Desenvolvimento de Cabo Verde complementa: “...Porque a água é um produto de grande importância

para ilhas como Cabo Verde, então vamos ter que economizar a água, não só na agricultura utilizando rega gota a gota, mas teremos também que economizar nas casas, substituindo as torneiras, utilizando fotocélulas, para ver se conseguimos economizar a pouca água que temos.” (Figura 2).

Os habitantes de Chã das Caldeiras, no coração da ilha do Fogo, já estão habituados a contar com poucos litros nas suas tarefas diárias. Aqui, desperdiçar não é uma opção.

David GOMES, da Adega Chã das Caldeiras, refere: “Aqui não há água canalizada nas casas de banho, não é? As pessoas têm uma pequena vasilha dentro da casa de banho com um balde e quando fazem a necessidade apanham um pouco de água... E por exemplo para tomar um duche há pessoas que têm um balde por cima do teto, põem uma certa quantia, pouca quantidade de água, para poderem fazer a poupança da água.”

Por ser escassa e ter uma produção complexa, a água é muito cara em Cabo Verde.



Figura 2. Intervenção da ADAD sobre o impacto das alterações climáticas em Cabo Verde.

Na Cidade da Praia, a capital, paga-se em média 2 escudos por 25 litros, o equivalente a 2 cêntimos. Num ano muito seco, e dependendo da ilha, essa quantia pode mesmo chegar a valores incomportáveis para muitas famílias.

David GOMES acrescenta ainda: “Por exemplo, num ano de muita falta de água, já chegámos a comprar uma lata de água que contém 20 litros por 50 escudos. Que é muito muito caro.”

António LIVRAMENTO, da Direção Geral de Ambiente, refere: “Geralmente, essa água que é abastecida através de auto-tanque custa o dobro ou o triplo da água canalizada e por muitas vezes as pessoas que têm um trabalho menos remunerado não conseguem abastecer sempre com auto-tanques.”

Enquanto a população vive sujeita à disparidade de preços, muitos dos turistas que procuram Cabo Verde não lidam com esta escassez. Em ilhas como a Boa Vista ou o Sal, os hotéis multiplicam-se pelo litoral e aumentam a pressão sobre os recursos hí-

dricos, obrigando a uma gestão repartida. Alexandre N. RODRIGUES lembra “... que a política tem de passar por aí, [com] as unidades hoteleiras que recebem o maior número de turistas a ter a sua própria des-salinização da água e ter os municípios ou o Estado que se preocupar com a distribuição de água para a população”.

Longe dos panfletos turísticos está outro cenário menos idílico mas que faz parte do trajeto diário de muitos cabo-verdianos. Até ser varrido pelas próximas chuvas, o lixo acumula-se onde antes corria água. Entre os desafios na gestão de recursos hídricos, estão a limpeza das margens das ribeiras temporárias que percorrem várias ilhas e também garantir o saneamento adequado da água usada.

Algumas ilhas do Arquipélago não dispõem ainda de redes de drenagem e de esgotos e o destino das águas residuais são, em muitos locais, as fossas sépticas. Por ser um trabalho a desenvolver de raiz, a questão do saneamento já foi identificada como uma das prioridades.



Figura 3. Publicitação do preço da água dessa-linizada para consumo humano



Figura 4. Importância da gestão de água para a agricultura

Em Cabo Verde, ainda é a chuva que comanda a produção agrícola. “*Nós aqui é tudo sequeiro. Nós dependemos da chuva.*” (...) “*num ano de boa chuva a gente colhe uma boa colheita. num ano de pouca chuva a colheita diminui.*”, menciona David GOMES.

A Ministra do Desenvolvimento Rural de Cabo Verde, Eva Ortet afirma: “*Temos somente 10% da área cultivável, mas o nosso problema não é somente o solo, mas é sobretudo a água, porque Cabo Verde, em termos de culturas pluviais, é altamente dependente da aleatoriedade das chuvas e por isso cedo decidimos que deveríamos voltar para as culturas irrigadas, onde pelas suas características é uma cultura mais estável, tem tido nos últimos tempos um rendimento maior.*”.

O desafio é aproveitarmos a água superficial que atualmente vai parar ao mar através de pequenas barragens que permitem armazenar a precipitação dos meses de verão para depois, através de um uso eficiente, podermos ter a agricultura e a água

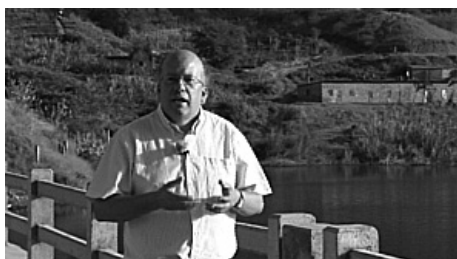


Figura 5. Intervenção de Francisco Ferreira sobre a escassez de água, o seu armazenamento e as alterações climáticas

para consumo humano servidas através destas infraestruturas.”

É por aqui que Cabo Verde desbrava caminho, sensibilizando agricultores para técnicas de regadio mais eficientes. Na horta de Beto, o cultivo da terra ainda não recorre à rega gota-a-gota e por isso, para já, é o clima que manda na colheita. Tal como Beto, metade da população ativa em Cabo Verde depende da agricultura. As suas dificuldades não passam despercebidas ao Governo, que tem investido fortemente na modernização do setor.

Eva ORTET reafirma: “*Praticar agricultura em Cabo Verde é verdadeiramente difícil, mas os dados mostram que podemos ser autossuficientes em termos de produção de frutas e legumes, que podemos ser autossuficientes em termos de produtos animais e então neste momento o governo tem definido o seu plano estratégico de desenvolvimento agrícola e no seu programa de desenvolvimento agrícola [existem] seis pilares importantes, nomeadamente o primeiro que é a mobilização de água e os recursos que vão para esse pilar é cerca de 60% do total do investimento até 2016.*”

A autossuficiência alimentar poderá ser uma meta ambiciosa para um país que tem sentido, cada vez mais, os efeitos das alterações climáticas: ano após ano, as secas são mais severas e as poucas chuvas mais torrenciais.

“O problema de Cabo Verde neste momento com a água é primordial. Temos dificuldades com as cheias... muitas cheias que não aconteciam antes. Isso [é] provocado pelas mudanças climáticas (...) neste momento, estamos também a ter secas, zonas (...) em que não conseguimos ter água suficiente para abastecer a população”

Quanto às questões das alterações climáticas a ministra esclarece ainda: *“Para o país, a questão da adaptação não é somente uma necessidade mas é vital. Não só porque os dois elementos essenciais são a água e o solo é de uma carência enorme no país.”*

Neste esforço de adaptação rumo a um desenvolvimento sustentável, Cabo Verde terá de implementar uma cultura de poupança para tornar menos incerto o futuro dos seus recursos hídricos.

Alexandre N. Rodrigues refere: *“Eu acredito que os cabo-verdianos ainda não estão muito conscientes dos problemas ou da importância da água. É um processo que vai demorar.”*

David GOMES, da Adega Chã das Caldeiras, transmite de forma sucinta a relevância da água, em particular para Cabo Verde: *“Sem água não se consegue fazer nada, não se pode praticar agricultura, não se pode fazer criação de animais e... A água é aquele líquido muito precioso em todo o aspeto.”*

Documentário “Dar a volta ao lixo”

Francisco Ferreira introduz o circuito da recolha de resíduos urbanos em Maputo: *“É aqui que começa todo o processo de recolha do lixo nos bairros à volta do centro da cidade de Maputo. As famílias, duas vezes por semana, trazem o lixo indiferenciado e despejam-no nos “tchovas” que vão levar depois a um contentor de maiores dimensões.”*

O apito dá o sinal: é hora da recolha do lixo. Nos bairros da capital moçambicana, os “tchovas” são comandados manualmente e podem chegar a levar 50 quilos de resíduos por transporte. Em duas horas, enche-se um contentor.

Isaac Sebastião, operador de “tchova” explica: O nosso trabalho é pegar no “tchova” e recolher o lixo nas casas. Chega ali na casa, pára, pronto, toca apito. E os moradores trazem todo o lixo. Depois de encher levo diretamente ao contentor, depositar no contentor, voltar de novo.



Figura 6. Importância da gestão de água para a agricultura

O lixo que recolhido porta-a-porta e entregue por cada uma das famílias é trazido até este contentor, por sua vez enviado para a lixeira quase todos os dias completamente cheio. Na cidade de Maputo, 1,2 milhões de habitantes geram aproximadamente 1000 toneladas de resíduos por dia.

No centro da cidade, o lixo é depositado em contentores, que são depois recolhidos por camiões. Contudo, nem sempre é possível responder à quantidade de resíduos produzida, que aumenta ao ritmo do crescimento da população.

Ana CHICHAVA, vice-ministra do Ambiente de Moçambique à data de 2012, explica que *“a questão dos resíduos sólidos em Moçambique é um grande problema. É um desafio, de facto. Primeiro porque o país produz muitos resíduos sólidos, uma média de, se não me engano, 1 milhão e 800 mil toneladas por ano. Portanto, os grandes desafios que nós temos, primeiro é a gestão. Desde a falta de meios, portanto meios circulantes, para cobrir a cidade; a cidade está cada vez mais crescente; a população aumenta a cada dia que passa, a cada ano - já estamos em 2 milhões de toneladas por ano.”*

Háfido ABACASSAMO, Ex-Director Municipal de Salubridade e Cemitérios de Maputo, explica que *“a estratégia é dar a volta, no sentido em que durante os últimos tempos tínhamos uma recolha feita por nós, isto é pelo sector público, e a volta*

foi de facto envolver o sector privado que, não só tem maior capacidade, mas em algum momento sai-nos muito mais barato.”

Ana CHICHAVA explica: *“Nós pensamos que com trabalho, em parceria com os municípios, poderemos encontrar empreendedores que aceitem abraçar este programa de reciclagem, tratamento e reaproveitamento dos resíduos sólidos, transformando portanto em riqueza”.*

Após a recolha, o destino de todos resíduos produzidos em Maputo é a lixeira municipal do Hulene, a maior do país. Situada a 7 quilómetros do centro, já está praticamente rodeada pela cidade, que respira diariamente o fumo da queima a céu aberto.



Figura 7. Declarações do responsável pela difícil gestão na lixeira de Hulene



Figura 8. Catadores na lixeira de Hulene

Esta lixeira, com aproximadamente um quilómetro quadrado, tem já zonas onde a profundidade de lixo atinge mais de 20 metros. Ao longo das últimas décadas, o problema tem sido o crescimento do bairro na envolvente da lixeira. Os problemas ambientais que aqui temos passam pela contaminação das águas e pelo constante arder dos resíduos.

Victorino CHIRINDZA, responsável pela lixeira, menciona: *“Esse é um dos problemas prioritários. Os problemas ambientais. Porque agora, vejamos, cá estamos nós, estamos aqui a trabalhar, e o que é que está a acontecer? De onde é que vem o fumo e vai para onde? Se eu estou sujo na cara, que tal o meu organismo? É uma situação, é prioritário. A inalação, a emissão do fumo, de poeiras.”*

Estima-se que trabalhem na lixeira de Hulene mais de 700 pessoas. Por entre a cortina de fumo e as montanhas de lixo acumulado, os catadores reaproveitam tudo o que tiver utilidade. Afinal, é daí que retiram o seu sustento.

Luís, catador, explica a relevância da lixeira para a sua subsistência: *“Quanto estou aqui apanho plástico, vendo latas, vendo caixas, vendo pneus também, às vezes vêm comprar pneus velhos aqui. O nosso trabalho diariamente é conduzir o carro, quando não báscula nós vamos ajudar a descarregar o lixo. Depois, quando sai, nos dá um pouco de pão, guardamos e divi-*

dimos com outros irmãos aqui. Se fechar esta lixeira eu não tenho como viver porque o meu sustento vem através da lixeira. E aqui apanho o meu pão de cada dia, aqui na lixeira.”

Mas não nos esqueçamos que, num futuro próximo, com o encerramento desta instalação, temos que dar solução às pessoas que dependem do uso destes resíduos e do seu envio em grande parte para reciclagem, e que ficarão assim sem emprego. Com a construção prevista de um aterro sanitário a 40 quilómetros da cidade, a lixeira do Hulene sairá um dia do centro de Maputo. O seu encerramento, já exigido por muitos, levanta contudo problemas para outros.

Háfido ABACASSAMO fala da necessidade de programar devidamente o seu encerramento: *“Em relação ao aterro, temos pessoas que vivem neste momento e dão subsistência às suas famílias, através da lixeira. A ideia é possivelmente no futuro transformar a lixeira atual num ponto de transferência e nesse ponto de transferência poder fazer aproveitamento e recolher só aquilo que de facto não for aproveitado.”*

O ponto de viragem começa, precisamente, na implementação de uma sistema de recolha seletiva, capaz de gerar emprego e de criar valor acrescentado a partir do aproveitamento dos resíduos.

Em Maputo, já estamos a dar os primeiros passos para o futuro. Estamos já a ir buscar a casa das pessoas ou a receber em ecopontos os diferentes materiais que já estão a ser destinados para reciclagem. As quantidades ainda são pequenas, mas no futuro é por aqui que deve ser o caminho a seguir.

O papel das mulheres tem sido fundamental na criação desta cadeia de valor. Desde 2010 que a AMOR - Associação Moçambicana de Reciclagem - procura envolver toda a comunidade na separação e recolha de resíduos sólidos recicláveis, através de uma rede de ecopontos nas cidades de Maputo e Matola.

Stephane TEMPERMAN, Presidente da AMOR, explica como se podem criar iniciativas que procuram resolver diversas questões em simultâneo, incluindo uma melhor gestão dos resíduos urbanos: *“Criámos uma associação para formalizar um pouco os catadores e criar uma ferramenta disponível para eles. Quer dizer, os ecopontos têm um pouco o princípio da cana de pesca. Os resíduos entram aqui, são pesados, e os ecopontos são geridos*

por uma Associação de mulheres de Maputo. São elas que recebem os resíduos, compram-nos e revendem às empresas de reciclagem. A diferença entre a compra e venda fica para elas”.

Através deste sistema, temos agora ex-catadores da lixeira a trabalhar como coletores ao domicílio. Pedalando em triciclos, transportam os resíduos até ao ecoponto mais próximo, onde obtêm o seu justo pagamento.

Stephane TEMPERMAN detalha um pouco mais: *“Temos agora uma dúzia de empregos diretos criados através dos ecopontos, que são os membros da própria Associação e os catadores que foram formalizados através do triciclo. Em termos indiretos, talvez mais ou menos 50, 60 catadores que conseguem aumentar um pouco a vida deles.”*

É também pelas mãos de ex-catadores da lixeira que na ‘RECICLA’ – uma Cooperativa de Reciclagem - os resíduos de plástico são transformados em matéria-prima comercializável.



Figura 9. Transporte de resíduos por mulheres para serem entregues à AMOR



Figura 10. Separação de resíduos plásticos pela RECICLA.

Atualmente o plástico representa cerca de 13% do lixo urbano. Esse plástico é entregue aqui na Recicla, quer por catadores, quer por pessoas diretamente a partir de sua casa. Nesta pequena instalação, separam-se os diferentes tipos de plástico, eles são depois moídos e encaminhados como matéria-prima para a indústria que os vai utilizar para fabricar novos produtos.

Tomás CHAÚQUE, gestor da RECICLA, explica a relevância da reciclagem de plástico em termos económicos e sociais: *“A Recicla é uma mais-valia primeiro porque dá uma oportunidade de emprego a cerca de 17 pessoas, das quais 16 são ex-catadores da lixeira; segundo, a importância desta cooperativa é também contribuir na limpeza da cidade de Maputo, e dar um certo rendimento a várias centenas de pessoas que passam neste centro mensalmente, trazendo cerca de 14 toneladas de lixo plástico.”*

Por agora, grande parte dos resíduos recolhidos e separados ainda tem como destino a exportação, deixando pouca margem de lucro.

Háfido Abacassamo explica as dificuldades da reciclagem quando não há destinos próximos para os materiais recolhidos: *“O grande problema disso tudo, e que faz com que essa volta não seja tão rápida e tão grande, é que nós não temos indústrias de reciclagem. Porque automaticamente as pessoas não se sentem atraí-*

das, isto é, o preço a receber pelo material ainda é muito baixo e somente as pessoas que vivem disso é que estão no sistema.

A iniciativa, de acordo com Stephane TEMPERMAN, deve ser do próprio país: *“Nós queremos transformar aqui dentro. O problema é que se você manda tudo para Joanesburgo ou fora do país, tem imensos custos e imenso impacto ambiental. Então, nós queremos transformar os resíduos aqui em Moçambique, em produtos acabados, construídos aqui dentro do país.”*

Aos poucos, Maputo começa a desbravar caminho para dar a volta ao lixo. Criando emprego, aumentando a integração social e reduzindo o impacte ambiental.

Ana CHICHAVA, vice-ministra do Ambiente, conclui: *“Com a nova estratégia nacional de resíduos sólidos queremos garantir que até 2025 os municípios, as cidades e vilas de facto estejam limpas e que o meio ambiente de facto esteja com uma nova cara.”*

Posfácio

Em 2015, três anos após a filmagem dos documentários, os assuntos associados a cada um deles continuam perfeitamente atuais, com exceção de uma localidade (Chã das Caldeiras, na Ilha do Fogo) e uma das atividades mencionadas, no contexto

desse local, como relevantes na agricultura (a vinha), que foram destruídas aquando da entrada em atividade do vulcão do Fogo em final de 2014.

No que respeita a Cabo Verde, em fevereiro de 2015, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura comprometia-se a fornecer sementes para culturas alimentares, rações para animais e equipamentos de irrigação gota a gota para ajudar milhares de pessoas em Cabo Verde, país em que a segurança alimentar e os meios de subsistência estão seriamente ameaçados após o declínio acentuado na produção agrícola devido à seca. A intervenção de urgência destinou-se a ajudar mais de oito mil famílias rurais vulneráveis que perderam a maioria ou a totalidade da colheita de cereais devido aos impactos da seca em 2014, já que as chuvas em Cabo Verde se reduziram em 65% por comparação com o ano anterior. A distribuição de equipamentos de irrigação gota a gota foi considerada uma das vertentes fundamentais, não apenas para melhorar a utilização dos escassos recursos hídricos mas também para reforçar a resiliência (FAO, 2015).

Em maio de 2015, foi lançado o Centro Internacional de Investigação de Climática e Aplicações para os Países de Língua Portuguesa e de África (CIICLAA), que vai nascer em Cabo Verde, fruto de uma extensa parceria entre instituições meteorológicas e universidades dos países africanos e da

Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). O Centro, para além de colocar Cabo Verde no mapa das redes de investigação nesta matéria, procurará dar resposta aos grandes desafios associados às alterações climáticas no país (Governo de Cabo Verde, 2015).

Aquando do evento, José Maria NEVES, Primeiro-Ministro, recordou os fortes efeitos sentidos em países como Cabo Verde, acostumados a conviver com a desertificação, a seca e a forte escassez de água. A sede do CIICLAA será instalada na Universidade de Cabo Verde e o seu pólo estará sediado no Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG), no Sal (Governo de Cabo Verde, 2015).

No que respeita à gestão dos resíduos na cidade de Maputo, a situação continua insustentável, semelhante ou pior por comparação com 2012.

“O encerramento da lixeira de Hulene, que está na origem do descontentamento dos habitantes que se encontram ao redor da mesma, em resultado de estar a causar uma morte lenta decorrente da proliferação de um exército inesgotável de ratas, moscas e mosquitos que infesta a zona e arredores, ainda vai demorar pelo menos três anos, segundo a edilidade de Maputo, que de ano em ano tem avançado novas datas para a sua “eliminação”, mas na prática nada acontece” (Jornal Verdade, 2015).

“Na última quinta-feira (9 de abril de 2015), num encontro que tinha como fim a apresentação dos resultados preliminares sobre o estudo de impacto socioeconómico para o encerramento do maior e único depósito de lixo na capital moçambicana, mas já sem espaço para acolher mais detritos, Florentino Ferreira, vereador de Salubridade e Cemitérios no município de Maputo, disse que ainda não há dinheiro para a construção do novo aterro sanitário no bairro de Matlhomele, na Matola. Contudo, as obras vão durar entre 18 e 24 meses quando arrancarem” (Jornal Verdade, 2015).

“Gustavo DGEDGE, consultor ambiental, disse que os cidadãos que sobrevivem através deste trabalho considerado prejudicial à saúde são vulneráveis e o seu nível de escolaridade é, no mínimo, a 6ª classe. A sua exposição a doenças tais como malária, diarreia, cólera, entorses, problemas respiratórios, constipação, tosse e gripe é grande. Recomenda-se que a edilidade forme os visados em diversas áreas, tais como carpintaria, mercearia, serralharia e eletricidade, bem como em matérias de gestão de resíduos sólidos. Enquanto a lixeira não for fechada será quase impossível observar as regras de higiene e haverá sempre enfermos. “A fumaça intoxica e fere a vista. Com o encerramento da lixeira haverá redução da poluição atmosférica, da criminalidade, das moscas e do cheiro nauseabundo”, disse António.” (Jornal Verdade, 2015).

Conclusões

Em 2012 a Quercus produziu dois documentários “Cabo Verde – Água por um fio” e “Maputo – Dar a volta ao lixo”. Cada um dos temas revela uma realidade complexa e pertinente em dois países lusófonos que se mantém perfeitamente atual. Com a intervenção de entidades governamentais, peritos e associações de ambiente, os documentários emitidos na RTP África em 2014 traçam uma situação onde a escassez de água para diferentes atividades, desde o consumo humano à agricultura, afeta de forma determinante a economia de um país como Cabo Verde. Ao mesmo tempo, gerir os resíduos dinamizando a reciclagem e fechar uma lixeira que tem consequências graves para a saúde pública, mas que garante o sustento de centenas de pessoas nos arredores de Maputo, é um desafio dispendioso e difícil.

O presente artigo descreve detalhadamente as situações com base nos guiões de ambos os documentários e perspectiva soluções mencionadas por alguns dos intervenientes que, infelizmente, tardam em concretizar, salvo se houver uma prioridade forte em termos políticos à escala internacional, potenciando investimento e procurando sinergias para resolver as questões de forma integrada e global.

Referências bibliográficas

- FAO (2015). Cabo Verde recebe assistência urgente da FAO para enfrentar a seca. Consultado a 30 de junho de 2015 em <http://www.fao.org/news/story/pt/item/278187/icode/>
- GOVERNO DE CABO VERDE (2015). Cabo Verde acolhe Centro Internacional ligado às alterações climáticas. Consultado a 30 de junho de 2015 em <http://www.verdade.co.mz/ambiente/52688-lixeria-de-hulene-em-maputo-vai-continuar-a-poluir-ate-os-proximos-tres-anos%20Abril%202015>
- JORNAL VERDADE (2015). Lixeira de Hulene em Maputo vai continuar a poluir até os próximos três anos Consultado a 30 de junho de 2015 em <http://www.verdade.co.mz/ambiente/52688-lixeria-de-hulene-em-maputo-vai-continuar-a-poluir-ate-os-proximos-tres-anos%20Abril%202015>